

## ENTREVISTA COM PROF.<sup>a</sup> HELLA OLBERTZ



Por Águeda Aparecida da Cruz Borges

*Hella Olbertz* licenciou-se em Língua e Literatura Inglesa e Espanhola pela Universidade de *Göttingen* na Alemanha, em 1977; fez a graduação em Língua Alemã pela *Stichting Vrije Leergangen*, em Amsterdã, no ano de 1983. Obteve o título de mestre em Linguística e Filologia Espanhola pela Universidade de Amsterdã em 1988. Nessa mesma universidade, concluiu o doutorado em Linguística, em 1996. De 2010 a 2014, foi coordenadora do Grupo de Pesquisa de Gramática Discursivo-Funcional na Universidade de Amsterdã, além de ser secretária da Fundação de Gramática Discursivo-Funcional, desde 2015.

Além disso, coordena, em colaboração com *Kees Hengeveld*, o Projeto de Tipologia Linguística dentro da Associação de Linguística e Filologia da América Latina (ALFAL). Desde 2017, trabalha como professora visitante da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), no estado da Bahia, onde desenvolve atividades

de ensino, pesquisa e orientação na Graduação e Pós-Graduação em Estudos Linguísticos.

Em 1998, publicou sua tese de doutorado adaptada em livro, *Verbal Periphrases in a Functional Grammar of Spanish*, em que apresenta uma descrição baseada em *corpus* de diferentes tipos de perífrases verbais usadas no espanhol. A obra fornece uma descrição da sintaxe e semântica das perífrases verbais e introduz uma nova classificação das construções verbais analíticas.

Sua principal linha de pesquisa tem sido os aspectos sintáticos e semânticos da variação e da mudança no espanhol e português, com explicações no eixo teórico da Gramática Discursivo-Funcional. Mais especificamente, está interessada na modalidade e no aspecto verbal, bem como na gramaticalização das expressões dessas categorias, enfatizando as diferenças entre essas duas línguas e suas variedades europeias e americanas.

Participou do Gelco 2017 com a conferência: **A perda do sujeito nulo no português do Brasil: uma abordagem tipológica a partir da Gramática Discursivo-Funcional.**

1. Prof.<sup>a</sup> **Águeda**: Na conferência intitulada: **A perda do sujeito nulo no português de Brasil uma abordagem tipológica a partir da Gramática Discursivo-Funcional**, proferida pela Sr.<sup>a</sup>, no II Encontro Internacional e VII Encontro Nacional do Grupo de Estudos de Linguagem do Centro-Oeste (Gelco), ocorrido na Universidade Federal de Mato Grosso/UFMT, Câmpus Universitário do Araguaia/CUA, observamos que a comparação entre diferentes línguas é um dos aspectos da sua abordagem. Por favor, explique a produtividade dessa prática em Linguística Funcional.

Prof.<sup>a</sup> **Hella**: A tipologia linguística compara as línguas do mundo para encontrar a variação que é possível entre as línguas. A tipologia é, em certo sentido, comparável com o estudo variacionista dentro de uma língua específica, por exemplo, dentro do

português. Só que o escopo do estudo é mais amplo: o que se estuda é a variação entre as línguas. No que diz respeito a uma propriedade específica, as línguas podem ser categorizadas em um número específico de tipos, por isso o nome “tipologia”. Dentro de quase todas as escolas funcionalistas há especialistas em tipologia: dentro do funcionalismo americano, Joan Bybee é um exemplo e dentro da gramática de construções, Bill Croft é outro. No funcionalismo holandês, a tipologia sempre tem sido uma preocupação central: tanto a teoria de Gramática Discursivo-Funcional como sua teoria predecessora, a Gramática Funcional de Simon Dik tem como objetivo ser “tipologicamente adequada”, ou seja, desenhar a teoria de tal maneira que seja compatível com a possível variação entre as línguas do mundo.

2. Prof.<sup>a</sup> **Águeda**: Sua formação inicial é em inglês e espanhol; o que a motivou a estudar o português brasileiro?

Prof.<sup>a</sup> **Hella**: Entre 1999 e 2002, trabalhei na Universidade de Leiden no Instituto de Línguas e Culturas de Latino-América. Nessa época fiz alguns cursos de português brasileiro. Mas foi muito mais tarde, em 2014, quando fui convidada como professora visitante da UNESP, campus de São José do Rio Preto, que realmente entrei em contato mais estável com a língua e comecei a descobrir algumas diferenças recorrentes com a língua espanhola, que chegaram a me fascinar.

3. Prof.<sup>a</sup> **Águeda**: Dentre as línguas com as quais compara o português do Brasil está uma língua indígena brasileira do tronco jê e línguas europeias como o francês, o sueco e o espanhol. Como nos foi apresentado em sua conferência, “se mudar o tipo de concordância do português brasileiro, o mais provável é que seja para a concordância sintática, ou seja, se mudar, provavelmente vai ficar mais opaco” e mais próximo do francês. Essa mudança seria motivada pela relação do português brasileiro falado com línguas indígenas como as do grupo jê ou tupi, ou não?

Prof.<sup>a</sup> **Hella**: Não. A concordância sintática, ou seja, a coexistência de uma marca de sujeito no verbo com a obrigatoriedade de um sujeito pronominal ou lexical, existe em

algumas línguas europeias, como o francês e o alemão, mas fora dessas é tipologicamente muito rara. Eu sei pouco das línguas indígenas faladas no Brasil, mas tenho certeza de que nenhuma delas tem concordância sintática.

4. Prof.<sup>a</sup> **Águeda**: Para além da possibilidade de que o paradigma verbal do português do Brasil se perca completamente e se desenvolva numa língua de referência nominal única, há também a probabilidade de que ela se transforme numa língua de concordância sintática. Por favor, discorra sobre essas duas possibilidades.

Prof.<sup>a</sup> **Hella**: A língua que eu trouxe como exemplo de uma língua de referência nominal única é o sueco. O sueco é uma língua que perdeu a concordância verbal e, conseqüentemente, exige a especificação lexical ou pronominal do sujeito. A diferença crucial entre o sueco como língua de referência nominal única e o português é que o sueco nunca teve uma forma específica para a primeira pessoa do singular, mas o português tem. Na língua falada espontânea, a primeira pessoa do singular é a que se usa mais frequentemente. E apesar de alguns falantes usarem o pronome *nós* com congruência de terceira pessoa do singular, acho improvável que se tenha ouvido alguma vez um falante nativo do português usar o pronome *eu* com congruência de terceira pessoa do singular (fora de um caso incidental de um *lapsus linguae*). Assim, a congruência de primeira pessoa do singular é resistente à mudança, e é por isso que eu acho muito improvável o português brasileiro perder completamente o paradigma verbal.

5. Prof.<sup>a</sup> **Águeda**: Outro ponto que nos chamou a atenção, em sua conferência, é o de que o português brasileiro é um tipo de língua de concordância contextual como o italiano, romeno e o espanhol. Isso significa que, ao se aproximar do francês ou do sueco, o português brasileiro perderia sua característica contextual?

Prof.<sup>a</sup> **Hella**: Exato. Tomando como ponto de referência o corpus *Iboruna*, que é uma excelente amostra do português falado no norte do Estado de São Paulo, pode se observar que, na terceira pessoa do singular, é quase obrigatório especificar um sujeito

lexical ou pronominal. As exceções notáveis são os verbos existenciais *haver* ou *ter* (p. ex. *Hoje não tem aula*) e os verbos meteorológicos como *chover*; os dois nunca têm argumentos de tipo agentivo em nenhuma língua do mundo. Mas nas línguas que exigem a especificação do sujeito (como o francês, o inglês e também o sueco), exige-se uma forma expletiva para preencher o lugar de sujeito sintático. O fato de não haver sujeitos expletivos no português brasileiro é uma propriedade típica da congruência contextual.

6. Prof.<sup>a</sup> **Águeda**: Com base em suas pesquisas, foi possível responder a pergunta “para onde está indo o português do Brasil”?

Prof.<sup>a</sup> **Hella**: É óbvio que o português brasileiro está mudando, mas eu acho que, devido à resistência da primeira pessoa, não é provável que perca o paradigma verbal e é mais provável que se desenvolva em uma língua de concordância sintática, como o francês. Por outra parte, o fato de não ter sujeitos expletivos não é típico de uma língua que exige a especificação de sujeitos pronominais ou lexicais, sejam do tipo de referência nominal única (como o sueco) ou do tipo de congruência sintática. Mas também pode haver outra explicação. Essa questão exige mais pesquisa.

7. Prof.<sup>a</sup> **Águeda**: Pensando num outro aspecto das línguas, o da internacionalização, sob o seu parecer, qual é o potencial do português brasileiro como língua internacional?

Prof.<sup>a</sup> **Hella**: Obviamente, a língua de maior impacto internacional é o inglês. Apesar de não ser a maior língua em termos de falantes nativos, tem o maior número de falantes como primeira e segunda língua. Por isso os resultados do desenvolvimento científico internacional geralmente são publicados em inglês. Assim, é importante para os estudantes saber pelo menos ler em inglês para não perder o contato com o desenvolvimento científico internacional. Naturalmente é possível simplesmente ignorá-lo e defender a ideia, que tenho a impressão de ser bastante arraigada no Brasil, de que o país pode produzir resultados científicos de alto nível sem se preocupar com o que acontece fora do Brasil. Mas é óbvio que essa postura não é frutífera do ponto de vista

científico. No que diz respeito à potência do português brasileiro como língua internacional, acho que, infelizmente, o impacto internacional de uma língua sempre está intimamente relacionado com o peso econômico e político que tem a nação correspondente no mundo. Durante a presidência de Lula, o Brasil se considerou, na opinião internacional, um poder industrial “emergente” e havia grandes expectativas a esse respeito. Infelizmente, depois do impeachment da Dilma sem motivação e a falta de compromisso pelo governo Temer com o avanço social, científico e cultural, que culminou na PEC 241, o Brasil perdeu sua credibilidade internacional.

8. Prof.<sup>a</sup> **Águeda**: Interculturalidade foi um dos temas do Gelco/2017. Na sua opinião, qual é o papel das línguas nas relações interculturais?

Prof.<sup>a</sup> **Hella**: Sendo meios de comunicação, é lógico que as línguas tenham um papel central nas relações interculturais. Além de se abrir ao mundo exterior aprendendo línguas estrangeiras como o inglês, é importante tomar a sério as outras línguas faladas dentro do país, ou seja, as línguas indígenas. Muitas dessas línguas estão em perigo de desaparecer e é importante estudá-las e ajudar os falantes a mantê-las.

9. Prof.<sup>a</sup> **Águeda**: Como você descreve e avalia o ensino do português brasileiro na Holanda?

Prof.<sup>a</sup> **Hella**: Além de alguns institutos privados, o português do Brasil pode ser estudado como parte dos Estudos Latino-Americanos na Universidade de Leiden, tanto na graduação como na pós-graduação, ao lado da língua espanhola. Não posso ser negativa sobre isso, porque parece que cobre o interesse que existe em aprender o português (do Brasil).

10. Prof.<sup>a</sup> **Águeda**: Por favor, faça suas Considerações Gerais em relação à sua participação no Gelco.

Prof.<sup>a</sup> **Hella**: Para começar, quero agradecer o convite para esse evento maravilhoso. No que diz respeito aos aspectos científicos, gostei muito do que ouvi. Além das plenárias, estive presente em duas mesas, uma sobre o ensino do inglês e outra sobre as línguas

indígenas. Nas duas aprendi muito. Além disso fiquei muito contente com a organização, que deve ter sido muito laboriosa. Acabo de organizar um congresso e agora sei o trabalho que implica. Sou muito grata às organizadoras do Gelco, e também aos assistentes, e a todos que colaboraram para fazer esse evento o que foi: uma experiência científica e pessoal inesquecível.